

# APROXIMAÇÕES ENTRE ÉTICA FILOSÓFICA E COSMOÉTICA<sup>1</sup>

Alexandre Zaslavsky

*A aproximação de pessoas e conceitos é a base da assistência interconsciencial nesta dimensão. (VIEIRA, 2003, p. 338)*

**RESUMO.** Este artigo aborda o campo interparadigmático resultante de encontros entre a Ética filosófica, situada no paradigma convencional, e a Cosmoética, no paradigma consciencial. O *tema transversal* articulador das aproximações é o universalismo. São considerados o isomorfismo, ou similitude de forma, e a isologia, ou similitude de conteúdo, nas aproximações, com o enfoque na segunda. Três pensadores universalistas são citados, assim como aspectos principais de seu pensamento: Immanuel Kant, Lawrence Kohlberg e Jürgen Habermas. Características centrais do pensamento universalista desses autores são cotejadas com aspectos da Cosmoética, realçando simultaneamente os pontos de potencial conexão e as diferenças. O objetivo é a reflexão acerca da transição evolutiva da Ética filosófica para a Cosmoética, suas continuidades e descontinuidades, visando, em última análise, compreender e lidar melhor com os argumentos produzidos por ambas as partes, tendo em vista a interassistencialidade.

**Palavras-chave:** Ética, Cosmoética, universalismo, aproximações.

## INTRODUÇÃO

A Cosmoética é uma especialidade de estudos dentro da Conscienciologia. O acúmulo de experiências parapsíquicas, a exemplo das experiências lúcidas fora do corpo, suscita reflexões acerca da racionalidade prática implicada em tais experiências. A conhecida necessidade de justificar as ações racionalmente, seja em nome da correção, do bem, da justiça, etc, ganha sentido muito mais amplo, quando não está em jogo a inter-relação entre seres humanos ou consciências intrafísicas (conscins), mas também, sobretudo, a inter-relação envolvendo consciências extrafísicas (consciexes). A realidade das consciexes muda o escopo ético a se levar em conta, pois, por exemplo, a evitação da morte não é um tema relevante para elas, quando um pouco mais lúcidas, pois sabem que já desativaram o corpo físico. Daí surge a busca por um conjunto de princípios mais abrangentes, que possam embasar a reflexão e a crítica à moral na multiplicidade das dimensões conscienciais, não apenas na dimensão intrafísica, ou seja, no cosmos. Daí a expressão Cosmoética ou Ética Cósmica.

---

<sup>1</sup> Versão ampliada de artigo publicado nos Anais do Colégio Invisível da Cosmoeticologia 2002-2010 (2011).

Os estudos da Cosmoética ou Cosmoeticologia se valem de apropriações terminológicas e temáticas da Ética filosófica ou teoria da moral. A definição de Cosmoética por si só já evidencia isto, consistindo em extrapolação da definição consensual de Ética filosófica enquanto reflexão e crítica da moral. No entanto, há notadamente um tema que chama a atenção na intersecção entre Ética e Cosmoética – o universalismo. Este é o enfoque privilegiado aqui.

Na primeira parte apresenta-se o conceito, assim como a dificuldade, das aproximações entre concepções e paradigmas. Na segunda parte se estabelecem relações entre aspectos da Cosmoética e concepções da Ética, tendo como articulador o tema transversal do universalismo, a partir das propostas de três autores.

## **1. APROXIMAÇÕES INTERPARADIGMÁTICAS: DO ISOMORFISMO À ISOLOGIA**

A comparação entre teorias, concepções ou paradigmas distintos traz sempre dificuldades e tende a ser enganosa. O principal engano nessa atividade é tomar a similitude terminológica ou de forma (isomorfismo) enquanto similitude de conteúdo (isologia). Vugman (1999) já adverte quanto às dificuldades do uso da expressão ‘energia’ pela Conscienciologia, apontando a inexistência da analogia com a Física, campo do saber originário da expressão. Esse é um caso de identidade terminológica sem a identidade de significado. Já Lima (s/d) procura indicar semelhanças entre o conceito de energia da Conscienciologia, o da Psicologia e o da Física contemporânea. Considerando, conforme Kuhn (1992), a conexão das teorias científicas com o campo disciplinar de pesquisas atrelado a grupos e tradições investigativas, pode-se dizer que um conceito ou teoria vem acompanhado de todo um contexto, dentro do qual tem significado. A área do saber que se ocupa da interpretação em função dos contextos é a Hermenêutica e nesta disciplina se encontra o pano de fundo referencial do presente trabalho. As inter-relações entre Ética e Cosmoética serão aqui tecidas tendo em vista os encontros e desencontros dos paradigmas aos quais se referem.

A comparação de paradigmas leva em conta, em primeiro lugar, as similitudes ou semelhanças. As similitudes de forma são os termos iguais, empregados nos distintos paradigmas, também chamadas de isomorfismo. O termo é apenas uma forma, um aspecto exterior. As similitudes de conteúdo são significados ou ideias compartilhados pelos paradigmas, denominadas de isologia. O conteúdo é o que está por dentro da forma, o que realmente interessa, a saber, o significado atribuído aos termos. Nesse sentido, a similitude de conteúdo importa muito mais que a de forma na busca por afinidades entre paradigmas.

A Conscienciologia propõe o paradigma consciencial à base de suas asserções científicas, radicalmente distinto do paradigma convencional, ao qual se refere à ciência vigente ou oficial. Enquanto o paradigma convencional opera na dicotomia entre mente e matéria, por partir da premissa teórica do atomismo,

o consciencial considera a consciência e suas projeções energéticas, partindo da premissa prática da autovivência parapsíquica interdimensional. Há muitas similitudes de forma nos enunciados de ambos, porém a similitude de conteúdo é mais difícil de ser estabelecida. O presente artigo se propõe a ponderar as similitudes e dissimilitudes existentes entre Ética e Cosmoética, a partir de aproximações especificamente no que se refere ao tema do universalismo. Busca-se evitar simplificações resultantes da similitude de forma (isomorfismo) – o próprio termo *universalismo*, por exemplo – em detrimento da de conteúdo – o significado do termo no contexto em questão. A comparação de paradigmas sob o enfoque de um termo pode promover maior elucidação dos limites semânticos do mesmo, e, assim, também das possibilidades efetivas de articulação ou transversalidade interparadigmática. No caso do universalismo, é um termo empregado por ambos os paradigmas, na Ética e na Cosmoética. A concepção ética filosófica cujo significado mais se aproximar da Cosmoética terá maior similitude de conteúdo, ou seja, terá realmente maior semelhança. Nem toda ética universalista é parecida com a Cosmoética, apenas pela mera similitude de forma, ou seja, pela presença do termo ‘universalismo’.

Segundo Vieira, a “*aproximação simples* é o ato ou efeito de aproximar algum pensene<sup>2</sup> ou conceito de outro, objetivando o aprofundamento das pesquisas da consciência” (2003, p. 348) e “*aproximação complexa* é o ato ou efeito de aproximar mais de 2 pensenes ou conceitos, objetivando o aprofundamento das pesquisas da consciência” (2003, p. 352). Pode-se dizer que o ponto de partida do presente artigo é a aproximação simples expressa no binômio Ética-Cosmoética. O uso do termo ‘universalismo’ pela Ética e pela Cosmoética, uma similitude de forma, autoriza afirmar que ambas atribuem o mesmo significado? E, ao contrário, autoriza afirmar que atribuem significados antagônicos?

A seguir, será abordada a temática central do artigo, envolvendo Ética e Cosmoética, com que se poderá oferecer resposta às questões acima.

## 2. APROXIMAÇÕES ENTRE ÉTICA E COSMOÉTICA

À primeira vista, para o leitor de Ética, a Cosmoética traz uma série de temas afins, por exemplo, a reflexão sobre a moral, os valores, os códigos e, principalmente, a relação com o universalismo. O universalismo é uma corrente Ética que remonta à modernidade, sobretudo ao filósofo Immanuel Kant. Então se poderia perguntar: a Cosmoética (e a Conscienciologia) é kantiana? Esta é, como já foi mencionado acima, uma aproximação simples com base em isomorfismo ou similitude de forma.

Segundo Vieira (2003, p. 1018), “A *Cosmoética* (*cosmo+ética*) é a especialidade da Conscienciologia aplicada ao estudo da Ética ou reflexão sobre a moral cós-

---

2 A expressão *pensene* é o acrônimo que significa a unidade de manifestação da consciência, constituída pela indissociabilidade entre PENsamentos, SENtimentos e ENErrias. Esse conceito é de fundamental importância em todo o *corpus* conscienciológico, por permitir transformar narrativas em descrições de primeira pessoa.

mica, multidimensional, definindo a holomaturidade consciencial, situada além da moral social, intrafísica, ou aquela apresentada sob qualquer rótulo humano, ao modo de discernimento máximo, moral e emocional, a partir da intimidade do microuniverso de cada consciência.” O texto em questão apresenta a “ética universalista” como sinonímia de Cosmoética, deixando clara a relação intrínseca entre Cosmoética e universalismo. A definição citada possui evidente parentesco com a definição mais consensual de Ética, de origem kantiana e formalista, em que ela seria uma reflexão e crítica sobre a moral. Eis outra aproximação, também simples, calcada na expressão ‘reflexão sobre a moral’.

A seguir são mencionados autores de Éticas universalistas e são realizadas as respectivas aproximações com a Cosmoética, procurando-se passar do isomorfismo mencionado acima à isologia ou similitude de conteúdo.

## 2.1. Immanuel Kant e o imperativo categórico

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) é considerado o formulador da Ética universalista em obras como *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785) e *Crítica da Razão Prática* (1788). O universalismo, para ele, refere-se à validade universal das máximas ou normas morais quando submetidas ao procedimento racional do imperativo categórico. O imperativo categórico, para Kant, é a forma do raciocínio moral, o qual consiste no teste de *universalização* da máxima em questão e verificação se ela, após esse teste, ainda é possível. Eis uma formulação do imperativo categórico: *procede apenas segundo aquela máxima, em virtude da qual pode querer, ao mesmo tempo, que ela se torne lei universal*. Como a pessoa que raciocina moralmente é parte da humanidade, se a máxima em juízo, caso universalizada provoque algum dano ao todo da humanidade, então não pode querer convertê-la em lei universal. Kant oferece os exemplos da mentira e do suicídio como pautados em máximas que se fossem universalizadas aniquilariam a humanidade, portanto, impossíveis de serem racionalmente desejadas.

Para Kant, portanto, o universalismo decorre do caráter universal presente na reflexão sobre a moralidade, sendo o ‘universal’ referente à totalidade da humanidade, independente de quaisquer particularidades como nacionalidade, etnia, cultura, religião e outras. O que é moral, para ele, é universal ou, mais precisamente, *universalizável* sem dano.

Em aproximação à Cosmoética, pode-se identificar isologia quanto à pretensão de transcender e unificar fronteiras. O universalismo kantiano está para a humanidade como um todo, não sendo relativo a grupos, mas também não sendo absoluto, pois, para Kant, a razão humana opera dentro de limites, é finita, portanto.

Por outro lado, talvez a principal dissimilitude entre o universalismo kantiano e o da Cosmoética diga respeito ao caráter apenas intrafísico do primeiro e o caráter multidimensional do segundo. Esta diferença dá vazão a outras, por exemplo, a virtual impossibilidade de antecipar racionalmente a universalização

de normas para outras dimensões – o que é universalizável para uma dimensão pode não ser para outra, pois enquanto o pensamento racional para Kant é apenas um ato subjetivo, privado, do ângulo da Cosmoética ele se manifesta objetivamente através de exteriorizações energéticas (pensene), ou seja, a racionalidade não estará apenas em certa “imaginação” teórica, mas também na emoção e na energia correspondentes. Por exemplo, pela Cosmoética o imperativo categórico, se formulado mentalmente com viés repressivo ou heterônomo, apesar de conceitualmente adequado, as energias que o veiculam multidimensionalmente não serão assistenciais, ao contrário, serão intrusivas. Então a mera operação ética de universalização não garante o efeito cosmoético de harmonização e desassédio das consciências. No âmbito do paradigma convencional, Habermas (1993) teceu crítica semelhante ao imperativo categórico, apontando o seu caráter monológico e egocêntrico. Estas são duas dissimilaridades de conteúdo decorrentes da maior. De certo modo, o imperativo categórico introduz o princípio do “melhor para todos” (similitude), porém com dissimilaridades tanto no que significa o “melhor” quanto no que significa “todos”. Na Cosmoética o universalismo não é categórico como na Ética kantiana, pois ele não é determinado *a priori*, ou seja, independente da experiência. A racionalidade na Cosmoética, estando em jogo também o extrafísico, há de ter caráter teórico e prático (teático), portanto *a posteriori*, ou seja, dependente da experiência; daí o universalismo cosmoético, no vocabulário kantiano, ser hipotético, sem deixar de ser um dever. Porém nesse ponto a aproximação colapsa, por assim dizer, pois no quadro categorial kantiano um dever hipotético é uma contradição em termos, sendo impossível; ou o dever é categórico, pois racionalmente *a priori*, ou não é dever. Por hipótese, o ponto de enlace, nodal, no encontro dos paradigmas, é a transformação do formal e abstrato do paradigma convencional no substancial e concreto (vivencial) do paradigma consciencial. No caso, *a transformação evolutiva do imperativo categórico* (formal e abstrato) *ao ortopensene*<sup>3</sup> (substancial e concreto), unidade de medida da Cosmoética (VIEIRA, 2003, p. 468). Caberia à Cosmoeticologia elucidar o universalismo próprio do ortopensene, em aproximação e extrapolação evolutiva ao do imperativo categórico. Tal operação seria complexa e não simples, indo até a isologia, para além do isomorfismo.

Vale observar a importância da análise detalhista nas comparações interparadigmáticas visando aproximações. Compreender os pontos com similitude e os sem similitude, seja de forma ou de conteúdo, auxilia a formular posicionamentos melhor elaborados, observando a gradação das semelhanças e diferenças entre concepções de paradigmas diversos. Se assim se proceder, em princípio a interlocução se torna mais prolífica e com menos conflitos, pois os pontos distintos e semelhantes podem ser identificados com maior exatidão e exaustividade, permitindo posições mais ponderadas e não simplesmente antagônicas ou completamente iguais. Em síntese, pode-se assim estipular graus quantitativos e qualitativos de

---

3 O ortopensene é o pensene correto, cosmoético. Ver nota 1 para a definição de pensene.

aproximação interparadigmática para além do isomorfismo, muitas vezes apenas aparente, indo até a isologia.

## 2.2. Lawrence Kohlberg e a orientação por princípios éticos universais

O psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987) é considerado continuador da psicologia genética de Jean Piaget (1896-1980), sob o ângulo do desenvolvimento moral. Enquanto este tratou do tema em apenas uma obra de juventude, com enfoque na criança, aquele o estudou exaustivamente e priorizou o grupo dos adolescentes.

Piaget, em sua obra *O Juízo Moral da Criança*, de 1932, mostra o desenvolvimento moral da criança desde a heteronomia até a autonomia. Kohlberg, no livro *The Philosophy of Moral Development*, de 1981, toma aquele trabalho e o continua, propondo desdobramentos e detalhamentos do processo em uma tipologia de estágios e níveis.

Segundo Kohlberg, há três níveis de desenvolvimento moral: o pré-convencional, o convencional e o pós-convencional. O nível pré-convencional se caracteriza pela referência egocêntrica do certo e do errado, em termos do que repercute concretamente na pessoa. A justificativa moral está no que a pessoa ganha ou perde em tal ação. O nível convencional toma como parâmetro as expectativas sociais, sendo certo o que conserva as convenções ou normalidade e errado o que vai contra. E o nível pós-convencional identifica o moralmente certo ou errado, de modo formal e abstrato, com a humanidade e não mais apenas com a posição de indivíduos.

Cada nível se desdobra em dois estágios. Dentro do pré-convencional, no primeiro estágio se procura evitar a punição e, no segundo, obter vantagens pessoais. No nível convencional, o primeiro estágio se caracteriza pela busca do considerado bom comportamento e, o segundo, pela manutenção conservadora da ordem social. Por fim, e principalmente, o nível pós-convencional engloba um primeiro estágio orientado pela ideia de contrato social, o qual pode ser modificado, e um segundo estágio à base de princípios éticos universais adotados pela consciência de cada um. Nesse último estágio se encontra a formulação universalista de Kohlberg.

Pode-se representar a tipologia do desenvolvimento moral de Kohlberg da seguinte forma (KOHLBERG, 1981, p.17-18<sup>4</sup>).

### I – Nível Pré-Convencional

1. Orientação pela punição e obediência
2. Orientação instrumental relativista

### II – Nível Convencional

3. Orientação pela aceitação interpessoal
4. Orientação pela manutenção social

---

4 Tradução minha.

### III – Nível Pós-Convencional

#### 5. Orientação pelo contrato social

#### 6. Orientação por princípios éticos universais

O universalismo de Kohlberg está principalmente presente no estágio 6, necessitando este, portanto, de maior desenvolvimento aqui, dada a importância para o presente texto. Kohlberg afirma que um princípio ético universal não seria uma regra concreta ao modo de um mandamento religioso, mas “princípios universais da justiça, reciprocidade e igualdade dos direitos humanos, e do respeito à dignidade dos seres humanos enquanto indivíduos” (1981, p.19). Os estágios anteriores tomam o valor da vida humana dentro de certas condições, enquanto no último este valor é incondicionado. Por exemplo, Kohlberg questionou grupos de jovens se seria correto proteger escravos fugidos em um país cujo sistema econômico fosse escravista. Dentre várias respostas negativas e afirmativas, poucas foram às afirmativas que justificaram pelo valor incondicional da vida humana, atrelado ao direito humano universal à liberdade. Nesse contexto ele cita a desobediência civil pacifista de Martin Luther King, como um exemplo de orientação dentro do estágio 6.

A aproximação entre a teoria de Kohlberg e a Cosmoética há de considerar o seguinte ponto de partida: o universalismo do estágio 6 possui isologia com o universalismo cosmoético?

Chama a atenção o isomorfismo na identificação do universalismo com a expressão ‘pós-convencional’, estando a Cosmoética em um paradigma que se contrapõe ao convencional, podendo ser considerado pós-convencional. Considerando a evolução (crescendo) do convencional ao pós-convencional, pode-se dizer que existe também certa isologia.

O nível de autonomia moral envolvido no estágio 6, a ponto de a pessoa discrepar da sociedade, mesmo de determinadas leis em estados totalitários, apresenta isologia com a predisposição necessária ao cumprimento de maxiproéxis (maxi programação existencial), ou seja, de grandes tarefas grupais de esclarecimento estipuladas, por hipótese, previamente ao nascimento. A assistência através da tarefa, ou tarefa do esclarecimento, indo além da mera tarefa da consolação, ou tacon, exige um posicionamento moral pós-convencional, por assim dizer, independente da moralidade convencional vigente, o que se reflete na ousadia e arrojo de posicionamentos que, mesmo não sendo ilegais, correm o risco de receber desaprovação social. É o que caracteriza o estágio 6: uma diferença da média social *a maior*, literalmente mais desenvolvida a ponto de ser incompreendida pela maioria. Assim, o cumprimento efetivo de maxiproéxis possivelmente pressupõe a moralidade do estágio 6, mas evidentemente, a recíproca não é verdadeira, ou seja, apenas o desenvolvimento psicológico moral do estágio 6 não assegura o compromisso assumido da consciência com maxiproéxis. Por outro lado, ainda

assim existe a possibilidade de pesquisadores da Conscienciologia produzirem juízos morais próprios de estágios anteriores ao 6.

O estágio 6 implica a Cosmoética, mas não a relação inversa. Cosmoética não se resume ao estágio 6, porém o inclui. O universalismo dos princípios adotados pelos que estão neste estágio de desenvolvimento se apoia o caráter universal da dignidade humana, expresso nos direitos humanos. A dignidade da vida humana independe da cultura, daí a possibilidade de se fazer juízos morais sobre costumes culturais neste estágio.

A similitude de conteúdo entre o estágio 6 de Kohlberg e a Cosmoética, em sentido muito genérico, está na atitude de exceção, até singular, que os sujeitos assumem em relação aos demais, para promovê-los ou assisti-los, geralmente em função de algum ganho de esclarecimento.

As dissimilaridades entre ambas as concepções, como as encontradas na aproximação com a Ética kantiana, possuem seu ponto central na restrição do modelo de Kohlberg apenas ao intrafísico e à humanidade, em detrimento da multidimensionalidade extrafísica, a para-humanidade ou comunidades de consciexes. À base estaria a diferença entre direitos humanos e direitos conscienciais. O universalismo de Kohlberg se sustenta nos direitos humanos e o da Cosmoética, nos direitos conscienciais. Todo ser humano (conscin) é uma consciência, mas nem toda consciência é ou está na condição de ser humano; pode estar na condição extrafísica. Portanto, já se depreende a abrangência maior dos direitos conscienciais em comparação aos humanos. Os direitos humanos prescrevem um patamar de igualdade mínima de condições existenciais, em respeito à dignidade intrínseca à vida humana material. Por outro lado, sob a ótica da Cosmoética, também se afirma a dignidade da vida humana ou existência energossomática, entretanto esta dignidade é função, em primeiro lugar, da dignidade da consciência, ou, mais exatamente, da consciencialidade. E a consciência se encontra em estado mais próximo à sua realidade intrínseca quando extrafísica, ou seja, sem o energossoma e soma, é preciso dizer, sem a materialidade da vida humana. Isto é o que estende a assistência da pessoa com programação existencial ou proexistia às práticas da tenepes (tarefa energética pessoal), práticas assistenciais que envolvem não só a dimensão intrafísica, mas a extrafísica, entendendo e vivenciando o impacto em atacado na dimensão intrafísica da assistência à dimensão extrafísica.

Esta interdimensionalidade do universalismo cosmoético, ao levar em conta o primado da dimensão extrafísica em relação à dimensão intrafísica, pode acarretar ações aparentemente justificáveis a partir de estágios inferiores de desenvolvimento moral, de acordo com a compreensão do melhor para todos na situação evolutiva multidimensional em questão. É o princípio da economia de males (VIEIRA, 1994). Em dada situação, é possível que o mais cosmoético e universalista seja agir pelo estágio 5 ou 4, pois é o que fará mais assistência à média de desenvolvimento do grupo. Eis o paradoxo de o princípio ético universal implicar



a necessidade eventual de ação por estágios menos desenvolvidos. A economia de males, do ponto de vista intrafísico, concilia determinada lógica instrumental com o universalismo, o que não encontra isologia com o estágio 6. A inclusão do extrafísico no universalismo parece colapsar a estrutura conceitual do estágio 6, pois acresce certa condicionalidade do ponto de vista intrafísico. Alguém orientado exclusivamente pela moralidade do estágio 6, devido à restrição ao intrafísico, poderia considerar alguém orientado pelo universalismo da Cosmoética como excessivamente convencional ou comedido. Eis séria dissimilitude de conteúdo entre os universalismos de Kohlberg e da Cosmoética.

### 2.3. Jürgen Habermas e a Ética do discurso

O filósofo alemão Jürgen Habermas (1929-) é considerado uma referência inevitável na Filosofia e nas Ciências Sociais contemporâneas. Ele é o proponente da teoria da ação comunicativa (1988), desenvolvida na obra homônima de 1981. Segundo esta teoria, os seres humanos se definem pela capacidade de linguagem e ação que podem desenvolver, ou seja, a capacidade de usar a linguagem tanto para transformar o mundo material pelo trabalho, quanto para obter o entendimento ou consenso com os outros. Mas o uso primordial da linguagem para Habermas é o comunicativo; a finalidade ou *télos* da linguagem é o entendimento intersubjetivo.

A capacidade de se valer da linguagem para alcançar o entendimento é denominada por ele de competência comunicativa, uma adaptação da expressão ‘competência linguística’ cunhada por Noam Chomsky. A competência comunicativa envolve a alternância entre falar, ouvir e observar, as três perspectivas implicadas na linguagem, respectivamente, 1ª pessoa (eu), 2ª pessoa (tu) e 3ª pessoa (ele/ela). A alternância entre as perspectivas linguísticas é um pré-requisito para a comunicação porque é necessário se colocar no lugar do interlocutor para compreender o que ele diz e o modo com que ele escuta o que eu digo. Esse processo possui conexões com o universalismo ético em dois sentidos: a competência comunicativa é uma competência universal da espécie; o entendimento intersubjetivo acerca de temas morais envolve um procedimento argumentativo universalista, por assim dizer. Para que possamos nos entender sobre o que é moralmente certo, é preciso considerar o ângulo de todos os possíveis envolvidos e isto só é possível se eles efetivamente participarem da argumentação como interlocutores. Requer-se um nível mais desenvolvido da competência comunicativa para que se possa participar de discussões sobre a moralidade e para que se possa motivar a própria ação em razões morais; a argumentação representa esse nível comunicativo mais desenvolvido.

Habermas denominou Ética do discurso à área de estudos dos procedimentos para a obtenção de entendimento quanto a problemas de ordem moral. E esse

procedimento é universalista, pois deve considerar todo o universo dos possíveis implicados nas problemáticas. A Ética do discurso tem sua abordagem principal no livro *Consciência moral e agir comunicativo* (1989), de 1983.

Em busca de isologias entre ambos os universalismos, pode-se dizer que a competência argumentativa possui relação com os atributos mentaisomáticos, próprios do veículo mental da consciência ou mentalsoma, necessários ao auto-discernimento cosmoético, pois está em jogo o posicionamento a partir de múltiplos argumentos. A necessidade Ética de escutar os demais concernidos e considerar suas razões evidencia conexão com a assistencialidade, no sentido do acolhimento e interpretação das necessidades do outro. A abertura à participação de quem quer que esteja concernido pela problemática é interessante à medida que não se restringe necessariamente a conscins. Uma problemática moral logicamente envolve conscins e consciexes; então sua solução deverá envolver a todos os concernidos e produzir algum tipo de encaminhamento com base no entendimento. A ideia segundo a qual a solução para problemas morais sem a efetiva participação dos concernidos é no máximo uma pseudossolução representa isologia relevante com a Cosmoética (e o universalismo). Ela acrescenta elemento *a posteriori* ao juízo ético, sendo que a tradição universalista remonta ao *a priori* kantiano. É como se um problema moral não existisse apenas como tese, sem os sujeitos concernidos por ele; o problema é indissociável das consciências em conflito devido a ele. Resolver um problema moral é resolver um conflito interpessoal.

Na conexão entre pensamento abstrato e realidade concreta está uma importante contribuição de Habermas e também o principal ponto isológico com a Cosmoética: a aproximação entre os conceitos de ação e de teática (teoria + prática). Habermas desenvolve a teoria pragmática do ato de fala dos filósofos ingleses Austin e Searle, segundo a qual este ato possui dupla dimensão: performativa e proposicional. O ato de fala articula o significado da *performance* do ator e o significado do que ele está dizendo. Nessa linha, a ação, enquanto prática, não possui ruptura radical com a teoria, pois possui conteúdo em si mesma, o que a conecta internamente com a teoria. Então a ação veicula determinada teoria na prática, é a síntese dos dois fatores. Eis a isologia entre ação (Habermas) e teática (Cosmoética), entrelaçando os conceitos de universalismo. O universalismo da Ética do discurso habermasiana pressupõe a participação de todos os concernidos na resolução reflexiva e crítica de problemas morais, é ação, ou seja, a Ética já extrapola a mera teoria moral e se integra intrinsecamente à prática. Isologicamente, o universalismo cosmoético é teático, é ação integradora, interassistencial e interdimensional. Embora a dissimilitude básica de alcance dimensional continue (intrafísico X multidimensionalidade), idem às outras concepções estudadas, a Ética do discurso, apesar de nada afirmar quanto a isto, por ter caráter interativo parece limitar menos esse aspecto. Daí poder ser considerado mais adiantado no processo evolutivo entre Ética e Cosmoética, do ponto de vista do universalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou contribuir à compreensão do processo evolutivo, ou trânsito mentalsomático, da Ética à Cosmoética. Para tanto, valeu-se do conceito de universalismo, ao modo de tema transversal, fazendo aproximações entre três concepções do paradigma convencional e a concepção da Cosmoética, no paradigma consciencial. As aproximações consistiram em comparações conceituais, distinguindo similitudes de forma (isomorfismos) e similitudes de conteúdos (isologias). Esta distinção permite aprofundar os processos de aproximações interparadigmáticas, dissociando forma e conteúdo; pode haver tanto similitudes de forma sem similitudes de conteúdo, quanto o contrário, além de ambas as similitudes simultaneamente.

A primeira concepção abordada foi a proveniente da Ética kantiana, segundo a qual o universalismo é propriedade do imperativo categórico. Para Kant, a moralidade está no juízo puramente racional, ou seja, *a priori*, sendo esta a natureza do dever. Há isologia com a Cosmoética no sentido trivial da aplicação à humanidade como um todo, porém ao se cotejar o imperativo categórico com o ortopense, este solapa as bases conceituais do primeiro, pois no segundo o dever há de se articular com as circunstâncias contingentes, sendo *a posteriori*.

A segunda concepção foi a da psicologia do desenvolvimento moral, de Lawrence Kohlberg. Este autor entende o universalismo como estágio máximo de desenvolvimento, em que o ator julgaria orientado por princípios éticos universais. Traz como exemplo o líder dos direitos civis Martin Luther King, que foi preso em nome de uma causa maior, não prevista pela legislação estadunidense à época – a igualdade racial de direitos civis. O chamado estágio 6 relativiza a legislação em nome da universalidade da dignidade humana, expressa no código de direitos humanos. O universalismo cosmoético, por englobar as dimensões extrafísicas, pode implicar certo estrategismo ou calculismo cosmoético no qual o protagonismo assistencial do líder universalista não necessariamente aparecerá no intrafísico do modo com que Kohlberg o propôs.

A terceira concepção foi a Ética do discurso habermasiana. Este universalismo é diferente dos anteriores, pois nele a reflexão e crítica de problemas morais se dão num âmbito intersubjetivo, exigindo a participação dos concernidos pelo problema. Esse diferencial a coloca à frente das anteriores, apesar de ainda restrita ao intrafísico, pois ele se aproxima à teática.

O ponto de partida do trabalho foi o isomorfismo interparadigmático envolvendo a expressão ‘universalismo’. Foram apontadas dissimilitudes de conteúdo decorrentes da unidimensionalidade do paradigma convencional. Já as similitudes de conteúdo principais decorrem da valorização do ser humano como fim em si mesmo, relativizando diferenças em nome da ideia de humanidade. Em Habermas essa ideia extrapola o caráter abstrato das duas anteriores, para se tornar ação de entender-se com os demais, o que lhe confere um diferencial em termos de isologia com o universalismo cosmoético.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la Acción Comunicativa*. Madrid: Taurus, 1988. 2 vols.
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática. In: STEIN, E. & DE BONI, L. A. *Dialética & Liberdade*. Rio de Janeiro: Vozes e Ed. da UFRGS, 1993.
- KANT, Immanuel. *Cimentación para la metafísica de las costumbres*. Buenos Aires: Aguilar, 1964.
- KOHLBERG, Lawrence. *The philosophy of moral development*. New York: Harper & Row, 1981.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LIMA, André Abs de. *As ciências e as bioenergias*. S/d. *Mimeo*.
- VIEIRA, Waldo. *700 experimentos da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994.
- VIEIRA, Waldo. *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu, PR: CEAEC Editora, 2003.
- VUGMAN, Ney Vernon. Conscientiology and Physics: a desirable couple? *Journal of Conscientiology*, Vol. 1, Issue 4, p. 289-304, 1998-1999.

**Alexandre Zaslavsky** é professor de Filosofia no IFPR, campus Foz do Iguaçu. Licenciado em Filosofia, mestre e doutor em Educação (UFRGS). Voluntário da Conscienciologia desde 1999 e docente de Conscienciologia desde 2003. Autor de vários artigos conscienciológicos e verbetes. Co-autor do livro “Inversão Existencial” (2011).